



BREVE INVOCAÇÃO DA CARREIRA DE MARIA JOSÉ MOURA

por Ana Paula Gordo

Em primeiro lugar queria agradecer à organização o convite para estar aqui hoje e, sobretudo, salientar a honra que tenho em poder fazer esta invocação da Maria José Moura. Trabalho difícil, não nego mas, e para não desvirtuar a forma de viver e estar da Maria José vou tentar ser objetiva, descomplicada e nada lamechas.

A Maria José nasceu em Évora, em 1937. Nas suas próprias palavras (julgo ser evidente, espero, que não a conheci nessa época) desde cedo se revelou uma adolescente irrequieta, curiosa, desejosa de se libertar da sociedade um pouco opressiva dessa época. Quando finaliza o ensino secundário, vem estudar para Lisboa, na Faculdade de Letras, o curso de Histórico-Filosóficas.

Durante o curso não tem dúvidas de que não quer ser professora e, curiosidade interessante para o público deste evento, inclina-se para fazer formação na área da Museologia. Desde cedo percebeu que deveria pautar a sua vida profissional na área da conservação e divulgação do património.

Vicissitudes várias, das quais a mais importante foi, quando terminou a licenciatura, não estar prevista a abertura de nenhum curso em Museologia, levaram-na a direcionar-se para a Biblioteconomia e Arquivística. Depois de obter a formação específica, trabalhou em numerosos projetos, sempre na área das bibliotecas e não dos arquivos e na vertente da Educação, do Planeamento e Desenvolvimento.

Como já referi, só bem mais tarde conheci a Maria José.

Recuemos a meados dos anos 80. Encontrava-me, na altura, a frequentar o 2º ano do Curso de Especialização em Ciências Documentais, ramo Biblioteca e, nesse 2º semestre tínhamos uma cadeira de opção, única pelo que obrigatória, chamada de Leitura Pública. Para a maioria de nós, a trabalhar em bibliotecas especializadas, aquele título nada dizia e, ainda por cima, a cadeira seria dada em inglês, por um norueguês, em regime intensivo o que obrigava a que tirássemos dias de férias nos empregos. Revolta na turma, já cansada de 3 semestres violentos, feitos em regime pós-laboral, e com algumas cadeiras, confesso, bem desinteressantes. Nada a fazer, tínhamos de avançar com vontade ou sem ela.

No primeiro dia, apareceu não o dito norueguês, mas sim a Diretora dos Serviços de Documentação da Universidade de Lisboa, Maria José Moura, pessoa que já tinha visto nas inúmeras vezes que por lá passava para requisitar livros e revistas. Que fazia ali

aquela senhora? Era a responsável por aquela opção que ninguém entendia... Depois de introduzir a matéria, eis que surge o professor que de imediato conquista a turma. Discurso simples, fluido, como se nos tivesse a ler um conto de fadas. Verdadeira Hora do Conto para adultos. A um canto, sempre a olhar para nós, a tal senhora, de sorriso franco e olhar curioso.

Um dia, quase no final da cadeira fomos ao bar e, soube depois que não por acaso, fui convidada para me sentar junto dela enquanto bebia um sumo estupidamente gelado e comia um bolo (imagem de marca da Maria José). Perguntou-me o que achava das aulas ao que respondi que era muito interessante, mas estava longe de nós anos luz. E se não estiver? Perguntou de supetão. Ri-me e disse que gostava de ver. Para minha surpresa diz: então venha trabalhar comigo. Vamos começar a trabalhar nesse sentido.

Assim conheci Maria José Moura e, sem pensar muito, de uma forma muito intuitiva, aceitei deixar o meu Centro de Documentação na área da investigação veterinária e entrar nesse mundo novo com a certeza de que se corresse bem, iríamos fazer a diferença em Portugal. E fizemos, digo-o sem falsa modéstia!

Para a maioria das pessoas é esta a faceta que marca a vida profissional da Maria José e a sua intervenção como cidadã. Indo contra a corrente, confesso que não acho correto reduzi-la como a mãe da Leitura Pública até porque, tínhamos obrigatoriamente de referir também um conjunto de gente como José Afonso Furtado, Villaverde Cabral e Vasco Graça Moura e, numa segunda fase, Joaquim Portilheiro, Teresa Calçada e Pedro Vieira de Almeida, bem como um vasto grupo que com eles colaborou como Henrique Barreto Nunes ou Luís Cabral. É mais correto dizer que ela foi, na fase de implementação do projeto, a face mais visível e com mais intervenção no terreno. Foi sim, o furacão que corria o país de lés a lés para ver como tudo se estava a desenrolar e incentivar todos os que, no terreno, com as dificuldades que todos nós sabemos, levavam a cabo este desígnio nacional.

Lembrar a Maria José e agradecer o que fez pela profissão é bem mais do que isto, já suficientemente importante para o recordar. Mas há mais, bem mais!

Queria hoje, neste fórum profissional, referir duas facetas que, para mim, são as mais relevantes e pelas quais lhe teremos de estar reconhecidos enquanto profissionais: reportemo-nos a 40 anos atrás quando os bibliotecários e os arquivistas eram considerados uns “ratos de biblioteca”, desinteressantes, uns chatos, cuja função era limpar o pó dos livros e dos papéis, e estavam sempre a ler. Esta era a visão que de nós existia, mesmo junto do poder político.

Foi a Maria José que iniciou a luta e a venceu, dignificando a profissão e “obrigando” a administração pública a reconhecê-la na lista das profissões especiais. Fê-lo com a sua persistência, criando lobby, “massacrando”, sem tréguas. A criação da carreira com o grau de técnico superior e o ser rotulada de especial permitindo entrar sem o estágio, á época obrigatório na carreira Técnico Superior, conferiu uma dignidade e importância antes nunca vista.

Apesar de ter havido um retrocesso, a ela se deve a luta pela formação moderna e obrigatória para quem trabalha nestas instituições. A renovação do curso, deixando a velha estrutura coimbrã e iniciando a viagem pela contemporaneidade com a introdução da informática, gestão, estatística, estudo dos utilizadores eram, só para exemplo, matérias revolucionárias. E ela sempre a liderar a mudança. O curso de Lisboa foi inovador. Seguiu-se Porto e Coimbra, também já renovados.

Devemos-lhe ainda (notem que falamos de há 40 anos atrás...) da possibilidade de hoje termos redes internacionais. Talvez por ser alentejana e sempre se ter sentido sufocada numa sociedade à época tão fechada, combateu violentamente a velha forma de estarmos de costas para a Europa, olhando orgulhosamente o mar. Primeiro sendo uma das fundadoras da nossa Associação, a BAD, insistindo sempre na ideia de que juntos teríamos mais força. Confesso que me mantenho fiel a esse princípio e muito me entristece que hoje, os mais jovens, não tenham essa noção. Perdemos todos!

Depois, logo depois, apresentou ao mundo a nossa Associação, estabelecendo pontes com as associações francesas, espanholas e inglesas, alargando, pouco a pouco a outros mundos. Por isso todos reconhecem Maria José Moura como A bibliotecária portuguesa. Na IFLA, na EBLIDA, na ALA, nas associações francesas, em tudo o que o seu instinto indicava que seria útil, tendo integrado vários Standing Committees de Secções da IFLA, nomeadamente o das Bibliotecas Públicas e o da Construção e Equipamento de Bibliotecas

Trouxe até nós os maiores especialistas em biblioteca e arquivo, quer para conferências quer para ensinarem nos cursos superiores e nos intermédios, quer em workshops e palestras no âmbito da agenda formativa da BAD. Foi duro, muito duro, (sei do que falo pois estive a seu lado nessas negociações) o reconhecimento da necessidade de formar técnicos intermédios para além do curso de pós graduação. Em ambos os casos saiu vencedora, uma vez mais sem estar confinada à Leitura Pública, muito para além dela, de uma forma abrangente.

Por isso, penso que poderemos dizer que a nossa dívida para com ela é imensa, na dignificação da profissão e na formação profissional de técnicos de biblioteca e arquivo e bibliotecários e arquivistas.

Paralelamente entendeu rapidamente que a Europa tinha de nos ajudar a avançar e modernizar e, por isso, iniciou uma corrida de sprint junto de Bruxelas, para chegar primeiro que outros novos parceiros europeus e conseguir verbas que permitissem essa modernização. É assim que se torna responsável pelo National Focal Point em Portugal no Programa Telematic for Libraries e, para facilitar a pressão lobista portuguesa junto de Bruxelas torna-se, por eleição, membro do Information Society Forum.

Diríamos que a Maria José Moura está indelevelmente ligada à modernização e internacionalização da profissão sendo que, curiosamente, pessoalmente nunca se deu muito bem com tecnologias, desde o telemóvel ao PC, mas assumia sempre que este era o caminho ela é que não se enquadrava.

Mas a sua visão globalizante do mundo e das coisas não a faziam olhar só para o futuro. Por isso, não posso deixar de referir um projeto em que se empenhou muito e com a mesma perseverança com que fez tudo.

Estávamos no final dos anos 80 e vivíamos um período fervilhante em iniciativas e vontade de “arrumar a casa”. Percebia-se que o nosso património não tinha estado no centro das atenções nos primeiros dez anos após a revolução. Tinha de se fazer qualquer coisa sobretudo no tocante ao património móvel.

Encabeçando a iniciativa, aproveitando a boa oportunidade política, a Maria José Moura leva a cabo, como Coordenadora Geral, um projeto discreto, mas diria que tão ambicioso como o da Leitura Pública: o Inventário do Património Cultural Móvel. Como o nome indica, o objetivo era o de inventariar todo o património cultural móvel. Independentemente de se tratar de material de biblioteca, arquivo ou museu. Uma vez mais a sua visão era globalizante não fazendo separação entre os três ramos de uma mesma realidade: o património nacional. Assim foi possível inventariar (com a criação de brigadas profissionais que correram o país) e publicar uma série ainda alargada de catálogos permitindo identificar e salvaguardar património que, de outra forma, poderia correr o risco de se perder.

Reconhecida pelo seu papel no desenvolvimento cultural e social do país, foi condecorada com a Ordem de Mérito pelo Presidente Jorge Sampaio.

Mesmo tendo esquecido e menorizado muito do que fez, julgo ter contribuído para relembrar o quanto a profissão lhe deve.

Não seria objetiva se não referisse as dificuldades de relacionamento que por vezes existiam, muito motivadas pela sua excessiva teimosia e obstinação o que tornava, por vezes difícil trabalhar com a Maria José. A par dessas dificuldades e a contrabalançar esse aspeto, era de uma solidariedade e amizade sem limites. Mas, sem estas características será que conseguia o que conseguiu? Penso que não. Por isso, esqueçamos o que por vezes nos separou e sempre que bebermos um panaché estupidamente gelado e comermos uma generosa fatia de bolo de chocolate, lembremos esta força da natureza que sempre fez o melhor que soube e pode pela profissão.

Obrigada Maria José.